



Sociedade e Cultura

ISSN: 1415-8566

brmpechincha@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Osório, Andréa

Bruxas modernas na rede virtual: a Internet como espaço de sociabilidade e disputas entre praticantes
de wicca no Brasil

Sociedade e Cultura, vol. 8, núm. 1, janeiro-junho, 2005, pp. 127-139

Universidade Federal de Goiás

Goiania, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70380108>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Bruxas modernas na rede virtual: a Internet como espaço de sociabilidade e disputas entre praticantes de wicca no Brasil

ANDRÉA OSÓRIO*

Resumo: Longe das acusações de malefício características da bruxaria tradicional, os grandes centros urbanos comportam hoje um grupo que se autodenomina como praticantes de bruxaria moderna, também conhecida como WICCA. Por ser um grupo numericamente pequeno, a Internet tornou-se veículo fundamental de contato e troca de informações, possibilitando o surgimento de uma comunidade wiccana no país, cujas disputas e alteridade são construídas, também, no espaço virtual.

Palavras-chave: bruxaria moderna; Internet.

Introdução

A intenção deste artigo é apresentar como a Internet tornou-se um veículo fundamental para o grupo estudado. Religião minoritária no país, a wicca é apresentada por seus adeptos como uma forma de bruxaria moderna, no qual o malefício característico da bruxaria tradicional não está presente. Autodenominando-se bruxos, os praticantes encontram-se, muitas vezes, isolados, sem conhecimento de outros adeptos. Nesse sentido, a Internet tornou-se o veículo preferencial para conhecer e entrar em contato com outras bruxas e bruxos no país. Espaço, portanto, de sociabilidade, que é levada da tela do computador ao mundo real por meio da promoção de reuniões, eventos e encontros, em âmbito regional ou nacional.

Grupo numericamente pequeno, com membros em todo o país, sobretudo em grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, essas bruxas modernas fizeram da

rede um meio fundamental para a troca de informações entre elas. Formaram-se, a partir do contato pela Internet, duas correntes em disputa pela liderança do grupo nacional. Ao mesmo tempo, a rede virtual tornou-se locus de reprodução do grupo, pois idéias e comportamentos puderam ser compartilhados a longas distâncias. Não fosse a rede virtual, a formação de um grupo nacional de praticantes possivelmente não existiria. Esse grupo nacional pode ser observado por meio da única instituição dedicada à wicca no país, a Abra-Wicca, que promove reuniões regionais de seus membros afiliados em diversas cidades e encontros nacionais em Brasília e São Paulo.

A configuração “livre” da Internet, contudo, permitiu a emergência de uma disputa pela liderança das bruxas modernas brasileiras, disputa que diz respeito, ainda, a diferentes concepções sobre o que a wicca deveria ser no Brasil, dadas as crenças mágicas nativas. Essa disputa enseja, então, discussões teológicas dentro do grupo, que dão origem a acusações.

Frequêntando listas de discussão voltadas para a bruxaria moderna, pude obter dados que

* Doutoranda em Antropologia pela PPGSA/IFCS/UFRJ.
E-mail: andrea.osorio@ig.com.br

permitiram construir um perfil das bruxas internautas. Esse perfil contribui para a compreensão do grupo estudado. Sobretudo quando se trata do caminho religioso percorrido até o ingresso na wicca, o perfil das bruxas internautas permite compreender melhor o teor das discussões teológicas e, conseqüentemente, a disputa pela liderança.

Bruxaria moderna wicca

Tentando um resgate da tradição mágica européia, a wicca reformula muito dessa tradição e abre-se à inclusão de elementos de qualquer origem espaço-temporal. Para seus seguidores, ela é uma religião pagã herdeira das tradições e crenças das comunidades européias anteriores ao cristianismo (Grimassi, 2000). Alguns wiccanos traçam uma linhagem que viria diretamente da Pré-história para os dias atuais, outros acreditam que a wicca foi formulada na Inglaterra na década de 1950. De qualquer forma, é possível perceber que a bruxaria wicca propõe-se a ser uma releitura de práticas pagãs européias anteriores ao cristianismo, especialmente aquelas de origem celta.

Em sua cosmologia, a wicca professa a crença em um par divino, chamados a Deusa e o Deus. Encarnando princípios da natureza, esse par torna-se doador de vida. A Deusa é associada à terra, às águas e à lua. O Deus é associado ao sol, ao céu, aos animais e à vegetação. Eles representam princípios opostos, mas complementares. Ela teria dado origem a Ele e ambos teriam criado o universo e todas as coisas nele – ou seriam o próprio universo, a própria natureza. Sendo a primeira, Ela tem preeminência sobre o Deus, visto como seu filho e consorte, e essa preeminência reflete-se nas práticas da wicca. Por isto, nos rituais, o lugar de destaque e liderança deve ser, tradicionalmente, de uma mulher.

Os wiccanos definem-se como bruxos, contudo, não há na wicca as acusações de malefício tão características da idéia de bruxaria (Evans-Pritchard, 1976; Maluf, 1993; Maggie, 1992). Este não é um traço apenas da wicca, mas de toda a Nova Era. Originada dentro de uma sociedade moderna e desencantada, a Nova

Era mesclou crença na magia com crença na ciência e banizou o malefício. A crença mágica wiccana e new age enfatiza muito mais o indivíduo do que a coletividade, que é a raiz da acusação de malefício. Critica a sociedade moderna, mas é fruto dela. Pretende, muitas vezes, o coletivismo, mas um coletivismo que se baseia no indivíduo. Nesse contexto, não há mais espaço para o malefício, embora a crença brasileira no mal e na bruxa como portadora do mal confronte os wiccanos com situações de hostilidade e preconceito mais ou menos abertas.

A wicca chegou no Brasil em data imprecisa, através de literatura importada sobre o assunto. Aos poucos, essa literatura foi sendo traduzida para o português, e autores nativos surgiram como Márcia Frazão e Claudiney Prieto.¹ Márcia Frazão foi a precursora de um mercado que em meados da década de 1990 parecia muito promissor, mas que nunca chegou a render best-sellers. Em meio aos anjos e magos que alcançavam os primeiros lugares no mercado literário da Nova Era, seguindo o rastro do fenômeno Paulo Coelho, Márcia Frazão começou a escrever em 1990 sobre a sua “condição de bruxa”. Em nove obras publicadas sobre bruxaria, de 1990 a 2005, ela faz extensas citações autobiográficas, sobretudo sobre sua família de bruxas, dá receitas de feitiços e rituais, ensina a ser bruxa. Apenas na segunda obra utiliza a palavra wicca, banida posteriormente de seu vocabulário por conta das disputas inerentes ao universo da própria wicca no país. Essas disputas giram em torno da dominação oficial de um campo religioso recém-estabelecido, onde lideranças com visões díspares do que sua religião deve ser e de como implementá-la travam batalhas verbais em um espaço até o momento novo: a Internet.

Após Márcia Frazão, muitos outros autores brasileiros aventuraram-se a escrever sobre wicca, alguns com maior expressividade entre os wiccanos, outros desconhecidos. Prieto tornou-se um dos mais importantes, pois é

1. As obras publicadas por Márcia Frazão, referidas no texto, são: Revelações de uma bruxa, Manual mágico do amor, Cozinha da bruxa, O gozo das feiticeiras, O feitiço da lua, O oráculo dos astros, A panela de Afrodite. A obra mencionada publicada por Claudiney Prieto é Wicca: ritos e mistérios da bruxaria moderna.

também o presidente da única associação wiccana brasileira, conhecida como Abra-Wicca. O cargo lhe dá uma legitimidade que outros autores só conquistaram após anos freqüentando listas de discussão, uma ferramenta da Internet que é crucial para a wicca brasileira. Márcia Frazão e Claudiney Prieto são opositores ferrenhos um do outro. Suas visões do que a bruxaria moderna deve ser e de como mesclá-la à cultura brasileira são díspares. A discussão teológica, no entanto, não esconde a disputa pela liderança entre os wiccanos.

Do papel à tela

Há muito tempo tem-se feito uma distinção entre religiões que têm por base um livro sagrado e religiões que não têm. Embora a wicca não seja uma religião do livro, nesse sentido, pois não há uma fonte escrita ditada ou enviada pela própria divindade ou um de seus emissários, o seu aprendizado foi eminentemente efetuado pelos livros. Esta não é uma característica apenas da wicca. Criada – ou tornada pública, conforme a corrente de pensamento – na década de 1950, na Inglaterra, a bruxaria wicca seguiu o mesmo percurso de outros movimentos iniciados no exterior e que aportaram no Brasil por intermédio dos meios de comunicação. Dois exemplos podem ser citados: Maria Regina Costa (1993) descreve como o grupo “carecas do subúrbio” formou-se num misto entre o modelo skinhead inglês e a realidade brasileira específica dos “carecas”. Para ter acesso a esse modelo estrangeiro, a literatura sobre os skinheads era fundamental e constituía fonte ímpar para os “carecas”. Um grupo punk estudado por Janice Caiafa (1988) também recorria ao elemento impresso, na forma de revistas e fanzines, para tomar conhecimento do universo punk estrangeiro, além, é claro, da importância da música nesse grupo. Cartas faziam, naquela época sem Internet, a ligação entre brasileiros e estrangeiros.

A entrada da Internet no Brasil e sua progressiva popularização têm dado um novo fôlego àqueles que buscam informações não publicadas no país. É mais fácil buscar informações estrangeiras pela Internet do que uma literatura impressa. No caso wiccano, a infor-

mação disponibilizada na rede virtual é muito ampla e envolve todo o universo publicado sobre o assunto. Muitas vezes, fragmentos de uma obra são encontrados em homepages autorais sem a devida referência. Algumas das ferramentas mais utilizadas na Internet, além da manutenção de homepages, são o chat, espécie de conversação em tempo real, e a lista de discussão ou mailing list. Ambos são importantes no atual processo de disseminação da wicca no país.

Como a wicca é uma religião minoritária, com poucos praticantes, sem templos e com uma única instituição em nível nacional – Abra-Wicca –, que, apesar de apresentar um franco crescimento, ainda não cobre toda a área do país, a possibilidade de encontro entre os membros é difícil. Para sanar esse problema, foram criados dois encontros anuais: um em São Paulo, o outro em Brasília. Nas capitais onde a Abra-Wicca está estabelecida, reuniões de membros são organizadas, embora não se possa afirmar com que freqüência. No caso do Rio de Janeiro, único que acompanhei de perto, a primeira coordenação indicada oficialmente não manteve a freqüência das reuniões, que foram tomadas pelos próprios membros em caráter extra-oficial, inclusive sem o pagamento das taxas de mensalidade previstas, mas com conhecimento da direção da entidade. As duas coordenações posteriores mantiveram reuniões freqüentes, a última recebendo mensalidades.

Se as dificuldades de encontros reais em uma mesma cidade são grandes, a Internet provê os wiccanos com um espaço onde podem se “encontrar”, trocar informações e fazer amizades. Em dez entrevistas realizadas com diferentes bruxas e bruxos na área do Rio de Janeiro, percebi que a Internet havia tido uma importância crucial para quatro deles. Em todos esses casos, a Internet havia sido veículo para um primeiro contato com a bruxaria wicca ou com outras bruxas praticantes de wicca. Em função disto, até mesmo um coven (como é chamado o grupo de prática religiosa) foi formado com pessoas que se conheceram por meio da Internet. Diante desses fatos, é interessante formular um perfil do âmbito virtual da wicca no país. Ao ingressar nesse momento do estudo

de campo,² descobri que parte do que ocorre no meio da bruxaria wicca desenvolve-se pela Internet, e de lá propaga-se para o universo concreto.

Pode-se subdividir a informação encontrada sobre wicca na Internet em dois grupos diferentes: aquela que é veiculada por homepages e aquela que é veiculada pelos chats e listas de discussão. No primeiro caso, há uma única pessoa ou grupo que assina a página, responsabilizando-se pelo seu conteúdo. No caso dos chats, ou salas de bate-papo, conversas paralelas são mantidas pelos presentes e cada um divulga a informação que lhe convém. O chat diferenciava-se da lista de discussões pela fugacidade de sua existência. Ele é como uma conversa real. Os chats acessados pelas listas das quais participei eram o Wicca e o Bruxaria, encontrados em um grande portal e provedor. A lista de discussões funciona com procedimentos outros: um gerenciador de e-mails faz com que o assinante da lista receba todos os e-mails postados a ela.

Durante a pesquisa, acompanhei três diferentes listas de discussão. Cada uma mantinha regras próprias de funcionamento e tinha diferentes moderadores. Tratá-las-ei como listas A, B e C, cada uma com duzentos a trezentos membros inscritos. As listas A e B, destinadas à discussão e à troca de informações sobre a wicca apenas, mantinham a peculiaridade de serem coordenadas por duas diferentes pessoas, de estreita amizade, que eram respectivamente o presidente e a diretora de assuntos jurídicos da Abra-Wicca. Funcionavam, desse modo, como listas irmãs ou correlatas. Era possível perceber como, freqüentemente, assuntos de uma lista passavam, por meio de membros comuns, para a outra. Participei dessas listas no período de fevereiro a setembro de 1999. Interessante notar que os membros de uma lista são, freqüentemente, membros de mais listas sobre o mesmo assunto.

A lista C foi mantida por diferentes moderadores no período em que dela participei,

de junho a dezembro de 1999. Diferentemente das outras duas listas, não mantinha nenhum tipo de vínculo com nenhuma instituição, nem se destinava exclusivamente a discussões sobre a bruxaria wicca. Era possível trocar informações acerca de qualquer assunto considerado mágico ou religioso nessa lista. Foi possível perceber que alguns de seus membros eram também membros das listas A e B. Não coletei dados de membros dessa lista, mas apenas acompanhei suas dinâmicas e discussões, visto que era freqüentada pela escritora Márcia Frazão. Ela tornou-se importante para compreender a disputa pela liderança no grupo wicciano no Brasil. Na medida em que Márcia Frazão e os diretores da Abra-Wicca passaram a exercer uma constante disputa por espaço como figuras mais importantes da bruxaria moderna no país, as listas viraram seu campo de batalha, pois eram onde se “encontravam” e debatiam suas opiniões. Nesse processo, Márcia Frazão deixou a lista A e apenas pude acompanhar seu movimento nessa disputa por suas mensagens na lista C.

Uma vez membro dessas listas, pude perceber como o grupo da wicca no Brasil está em franca disputa por sua liderança. Nessa disputa, alinha-se a Abra-Wicca, de um lado, e Márcia Frazão, de outro. Como os coordenadores da Abra-Wicca moram em Brasília e São Paulo, enquanto Márcia Frazão reside em Nova Friburgo, interior do estado do Rio de Janeiro, a Internet transformou-se em veículo-chave para o domínio do grupo. Não só porque é na rede virtual que suas opiniões podem entrar em debate, mas também porque esse debate dá-se em público. A Internet tornou-se, desse modo, um elemento crucial nessa disputa, tanto mais quando observamos que é por meio dela que muitos têm o seu primeiro contato com a wicca. Eles chegam a esse contato, portanto, em um território sitiado e são instados desde o primeiro momento a tomarem um lado nessa disputa.

Antes de prosseguir nessas questões, apresentarei o perfil dos membros das listas A e B. A lista C não apresentou oportunidades para que o perfil de seus membros fosse analisado.

2. O estudo de campo foi realizado com base em metodologias diversas: visitas a reuniões e eventos do grupo pesquisado na cidade do Rio de Janeiro, entrevistas com bruxas residentes na área do Rio de Janeiro e observação da sociabilidade ocorrida pela Internet.

Perfil das bruxas³ internautas

Para traçar o perfil das bruxas internautas fiz uso de mensagens postadas voluntariamente por elas às listas A e B. São informações veiculadas nas listas, não requisitadas por mim, que utilizei para esse estudo. Os números abaixo referem-se a um total de 77 indivíduos. Nem todos apresentam a mesma quantidade de informação.

A primeira observação a ser feita é a maior presença de mulheres (55) do que de homens (22) no grupo estudado. As faixas etárias representadas demonstram que tanto a Internet quanto a bruxaria seduzem um público mais jovem: são 11 indivíduos entre 13 e 15 anos, 24 entre 16 e 20 anos, 28 entre 21 e 30 anos e 6 entre 31 e 41 anos. A maior parte dos membros das listas A e B está, portanto, na faixa dos 13 aos 30 anos. Quanto ao estado civil, com uma faixa tão jovem de população, é compreensível que o número de solteiros (35) supere o de casados (9) e separados (2).

A grande parcela de jovens entre as bruxas internautas reflete-se na ocupação profissional. Os estudantes (25) são quase metade do universo de ocupados (53). Apenas quatro bruxas estudam e trabalham ao mesmo tempo. Entre aqueles que declararam a natureza de sua ocupação, pôde-se verificar a predominância de profissões de nível superior ou técnico.

Os membros das listas estão concentrados na região Centro-Sul do país, com predominância clara de grandes metrópoles: 11 indivíduos residentes na cidade de São Paulo, 12 no Rio de Janeiro, 6 em Brasília, 6 em Belo Horizonte, 4 no interior de Minas Gerais, 5 em Curitiba e 8 no interior paulista. Outras regiões brasileiras apresentaram apenas um residente: Cuiabá, Goiânia, Recife, Belém, João Pessoa, Vitória, Santa Maria, Londrina e o estado do Maranhão.

Esses números demonstram que os praticantes de bruxaria internautas são habitantes urbanos, especialmente do Sudeste, e pessoas com alto grau de formação escolar. É interes-

sante observar que os estados de Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo são os únicos a apresentarem bruxas residentes fora de suas respectivas capitais.

A busca de uma religião é, muitas vezes, apresentada nas listas como o motivo pelo qual a wicca foi descoberta. Ela é frequentemente apontada como a religião escolhida após uma longa busca ou a religião adotada “desde sempre”, ou desde o nascimento. A busca é um conceito usado na narrativa dos participantes da Nova Era (Heelas, 1996) e denota a experiência com várias técnicas e filosofias desse movimento até o encontro com aquela considerada ideal. O encontro da bruxaria após uma busca traz a noção de que aquilo que era uma expressão religiosa interna do sujeito finalmente ganhou corpo doutrinário expresso numa religiosidade definida. A idéia de que se é bruxa “desde sempre” também está associada a essa noção de uma religiosidade interna, expressa agora por meio de um nome: bruxaria moderna ou wicca.

A análise sobre o perfil religioso das bruxas internautas foi realizada em um universo de quinze respostas. Nestas, está sendo considerado tanto o perfil pessoal quanto o familiar, incluindo o cônjuge. Algumas bruxas responderam afirmativamente a mais de uma opção, apresentando, desse modo, uma mudança pessoal ou familiar. Contabilizaram-se 7 indivíduos que foram (ou famílias que são) espíritas, 6 católicos, 2 candomblecistas, 1 umbandista, 2 evangélicos, 2 budistas, 1 judeu, 1 hare-krishna, 1 gnóstico, 1 teosofista e 1 participante da Ordem dos Cavaleiros do Templo.

O espiritismo parece ser a religião que conta com mais ex-adeptos e familiares adeptos, o que se reflete no próprio discurso das bruxas de uma maneira muito própria. Temas como reencarnação, contato com espíritos, mediunidade e karma, tão presentes na doutrina espírita, são frequentemente levantados nas listas, especialmente por aqueles que se apresentam como novatos na bruxaria. Para estes, o passado ligado ao espiritismo – ou presente, na forma dos familiares – torna-se uma espécie de parâmetro que influencia as opiniões pessoais e os questionamentos. Pontos como a aceitação do aborto e da homossexualidade na wicca

3. O número de mulheres praticantes de wicca é sensivelmente superior ao de homens, por isto optei pelo tratamento bruxa no feminino, embora haja bruxos também. Wiccano refere-se ao conjunto dos praticantes, sem distinção quanto ao sexo.

também são comumente levantados por aqueles com alguma ligação com o espiritismo.

A segunda religião mais influente entre os participantes de listas é o catolicismo. A quebra com os padrões doutrinários dessa religião apresenta-se como uma das maiores preocupações das bruxas internautas. No período em que participei dessas duas listas, não raro recebia mensagens nos quais ser cristã era uma acusação de ser “falsa bruxa”. O uso de símbolos cristãos e o recurso aos santos também foram objeto de discussões acerca da própria natureza de uma verdadeira bruxa.

O candomblé aparece como uma religião pouco influente. Ataques ao candomblé, bem como ao espiritismo, nunca foram formulados enquanto permaneci nas listas A e B. Esses ataques são dirigidos apenas ao cristianismo, tanto aos católicos quanto aos evangélicos. Verificou-se a existência de dois ex-evangélicos entre os participantes das listas e dois ex-budistas.

As demais religiosidades apresentam apenas uma resposta. No caso do judaísmo, não fica claro se a bruxa era judia praticante antes de ingressar na wicca ou se esta era a religião de sua família ou cônjuge. O hare-krishna, a gnose, a teosofia e a Ordem dos Cavaleiros do Templo encontram-se ligados a uma religiosidade que pode ser definida como típica da Nova Era. Junto com o budismo, a religiosidade de Nova Era engloba seis participantes, o que a faz a terceira religiosidade mais influente entre as bruxas internautas. Havia, nessas listas, outros participantes de ordens esotéricas, algumas vezes a mais de uma, mas não deixaram claro quais eram. Desse modo, podemos concluir que as listas de discussão abrangem um público que vai além das bruxas wiccanas, mas que é composto também por integrantes da Nova Era. Estes, muitas vezes, acabam por abandonar suas opções anteriores e ingressam na bruxaria wicca.

A disputa de liderança entre as bruxas brasileiras

Durante a participação nas listas de discussão A, B e C, observei como um grupo nacional de wiccanos formava-se nesse espaço

de sociabilidade. Nesse grupo, contudo, mantinha-se uma disputa por liderança. Nessa disputa, duas correntes antagônicas debatiam o que pensavam que a bruxaria moderna deveria ser no Brasil. De um lado, a escritora Márcia Frazão, pioneira nos livros sobre bruxaria moderna no país e, de outro, membros da direção da Abra-Wicca, a Associação Brasileira da Arte e Filosofia da Religião Wicca, única do gênero existente no país.

Frazão é contra instituições ou associações de praticantes de bruxaria e contra os cursos que ensinam bruxaria. A Abra-Wicca promove tais cursos. Como a instituição cobra mensalidades e os cursos oferecidos envolvem pagamento para os não-sócios, Frazão observa nessa prática um comprometimento financeiro, o que não estaria de acordo com suas funções religiosas. As críticas de Frazão, contudo, deram vez à acusação de que buscava competir pela liderança do grupo.

Acusações de “banalizar a bruxaria” ou “vulgarizar o paganismo” emergiram também de ambas as partes. Frequentemente referem-se às aparições midiáticas dos oponentes. Essas aparições levaram as duas correntes a discordar do uso que a imprensa faz do tema “bruxaria”. A imprensa é um elemento sempre presente no universo da bruxaria, tanto a escrita quanto a mídia televisiva. Cada programa levado ao ar, com a participação de uma das duas correntes, é ansiosamente aguardado e posteriormente comentado. Aparições de Frazão montada em uma vassoura ou programas que mostram bruxas ao lado do personagem Zé do Caixão, por exemplo, são malvistas, entendidas como um reforço no estigma ligado às bruxas. O ponto de discordância não é a aparição midiática em si, mas o teor e a motivação para tal, sempre vinculados à noção de que aquele que se expõe está em busca de fama, dinheiro e poder. Rituais à luz de tochas, bruxas usando mantos e capuzes, encontros público de bruxas são pontos que Frazão critica. Ela os vê como “banalização”.

O maior ponto de discordância, contudo, reside em uma disputa teológica. Frazão critica o uso constante de tradições estrangeiras, chamando a atenção para o que chama de um estado de “colonização” cultural. Para Frazão, a bruxaria moderna (denominada wicca ou não),

deveria estar ligada às tradições nativas. No caso brasileiro, estariam expressas na religiosidade afro-brasileira e nas rezadeiras e benzederias, vistas pela autora como bruxas, muito embora o folclore nacional as veja comopositoras das bruxas (Maluf, 1993). Os diretores da Abra-Wicca argumentam que a wicca é uma religião estrangeira, vinda da Inglaterra. Enxergam na autora um “nacionalismo exacerbado”, resquício do movimento da contracultura (uma vez que Frazão muitas vezes se apresenta em seus livros como remanescente do movimento hippie) e pensam que as rezadeiras são expressão de uma cultura cristã, não tendo nenhuma relação, portanto, com o universo de práticas pagãs da wicca.

Como visto, as bruxas internautas mantêm uma constante preocupação em romper com todo legado cristão que possa vir a influenciá-las. Não se permitindo romper com esse legado, Frazão é vista como pessoa que se prende ao passado. Sua preocupação com o que chama de colonização cultural está na contramão da trajetória da maior parte das internautas, que, como visto, empreendem uma busca que perpassa várias formas de religiosidade típicas da Nova Era. Essa busca traduz-se em uma trajetória em que a bruxa se afasta da religião familiar, dirigindo-se a um universo de práticas importadas, sobretudo orientais.

A disputa sobre o que a bruxaria moderna é ou deveria ser levou a Abra-Wicca, como saída para a crise, a indicar que, se Frazão é bruxa, não é wiccana. Essa estratégia não retira da autora seu status de conhecedora de procedimentos mágicos, mas a retira do grupo dos wiccanos, o qual a instituição pretende representar. O movimento é fazer com que Frazão não pertença mais ao grupo da wicca especificamente, mas ao grupo da bruxaria e da magia em geral. Desse modo, delimita-se o grupo e é apenas por meio da Abra-Wicca que se define o que pode ser considerado wicca ou não.

A disputa pela liderança do grupo e as discussões teológicas entre os adversários fizeram entrar em movimento uma engrenagem que permite à instituição determinar o que é e o que não é wicca, pois Frazão jamais se apresenta como wiccana. As posições dos diretores da instituição tornam-se espécie de doutrina, que é

propagada pela própria instituição, ganhando assim legitimidade. Como o que a wicca é ou deveria ser é uma polêmica que atinge todo o grupo, uma vez que define o pertencimento a ele (ser ou não wiccano depende do que se considera ou não ser bruxaria wicca), todos são instados a opinar e a cisão torna-se clara. A Abra-Wicca, divulgando na Internet o que pensa que a wicca deve ser no Brasil, ou seja, uma prática importada sem misturas com as religiões nativas e organizada nacionalmente em uma instituição, e por meio da disputa com Frazão, contribuiu para uma homogeneização do grupo, o que sem a rede virtual dificilmente ocorreria.

Algumas categorias de acusação

Se as acusações entre as lideranças envolvem dinheiro, fama e poder, além de distintas visões do sagrado, as acusações observadas entre as próprias bruxas dizem sempre respeito à condição ou não de bruxa e indicam que essa condição pode ser posta em dúvida. Entre bruxas que foram entrevistadas na área do Rio de Janeiro e as internautas, observei muitas acusações quanto à conduta da bruxa, uma forma de desacreditar desafetos, indicando que não são praticantes respeitáveis da bruxaria moderna. Entre essas acusações, destacam-se: “busca pelo poder”, interesse econômico, “não ter comprometimento com a bruxaria”, ser cristão, não ser wiccano – todas encontradas também na disputa pela liderança –, determinados sentidos estéticos (maquiagem exagerada, roupas exóticas), buscar a bruxaria para “estar na moda” ou ser de vanguarda, buscar a bruxaria para “afrontar a família”.

O interesse econômico traduz-se no retorno financeiro que a atividade de bruxa traz. A bruxa que dá cursos de bruxaria é malvista entre as entrevistadas, mas não entre todas as internautas. Na Internet, a ideia de que a bruxaria pode ser aprendida em um curso pago, workshops ou outras atividades remuneradas é relativamente bem aceita, pois é prática corrente na Abra-Wicca. Mesmo assim, algumas bruxas ainda apresentam resistência a essas práticas.

“Busca por poder” é uma categoria análoga à de interesse econômico, pois suscita a ideia de que a bruxa não exerce sua posição de pessoa

religiosa, mas tenta tirar vantagens materiais ou status/prestígio do fato de ser bruxa. O ethos quebrado, em ambas as situações, é o da religião como espaço da caridade, da confiança, do amor ao próximo e do desinteresse.

“Ser cristão” e “não ser wiccano” são ambas acusações que se inserem na noção de segmentação e exclusão. Uma bruxa “de verdade” rompe com os padrões do cristianismo. A grande maioria das bruxas estudadas provém de famílias cristãs. Há, dessa forma, uma ruptura simbólica com a família de sangue para um ingresso na família religiosa, composta pela comunidade das bruxas. Por outro lado, ser cristão é uma acusação que remete a determinadas qualidades atribuídas aos cristãos, negativas na maior parte das vezes.

As acusações referentes à moda, ao senso estético ou à família tratam da falta de comprometimento da bruxa com o aspecto religioso da bruxaria, de sua necessidade de ser bruxa para os outros e não para si. Em todos esses casos, os praticantes expressam por meio das acusações situações em que a bruxa busca não a religião, mas uma identidade que serve para um grupo externo ao das bruxas. Os signos estéticos indicam, para quem não é bruxa, que quem os porta é. As idéias de afrontar a família ou estar na vanguarda igualmente remetem a ser bruxa para um grupo alheio e não por uma necessidade do Eu subjetivo.

As acusações citadas são dirigidas de bruxas para bruxas. Há uma outra série de acusações que são dirigidas das bruxas para determinados grupos da sociedade, e da sociedade para elas, especialmente da própria família. Entre as acusações que as bruxas recebem de suas famílias, especificamente as bruxas entrevistadas, estão a de ser satanista, de “lidar com coisas pesadas”, de fazer “feitiçaria braba”, de ser louca. Nesse sentido, algumas queixam-se que as acusações podem vir a ser diretas, causando uma espécie de “segregação”. A bruxa, associada ao malefício, é vista como pessoa poluída, com quem não se deve manter contato. Ela passa a inspirar medo. Quando as acusações da família tomam o tom do deboche e da incredulidade, a categoria loucura entra em ação.

Para a família, a bruxa é vista como louca ou como maléfica. No primeiro caso, ela é

desacreditada; no segundo, ela é levada a sério, mas como um agente incômodo. Essas acusações reafirmam sua posição de desvio. Todavia, são vistas pelas bruxas como o retrato de uma espécie de preconceito, pois marcam a marginalidade de sua posição. Observe-se, aqui, que a atitude das bruxas é ambígua: ao mesmo tempo em que optam por uma religiosidade minoritária, relacionada na cultura nacional à prática do malefício, esperam que sua opção seja vista com “naturalidade”, como se não se tratasse de um caso desviante.

Nos relatos colhidos, a hostilidade pode se evidenciar com algum grau de violência, especialmente no que se refere a estranhos. Uma das bruxas entrevistadas afirma que um desconhecido cuspiu-lhe, de dentro de um ônibus, chamando-a de “bruxa maldita”. Outra relata as ameaças que sofreu por telefone de sujeitos anônimos que afirmavam que ela não acreditava em Jesus Cristo e por isto “arderia no fogo do inferno”. Nesses dois casos, as bruxas em questão estavam mais expostas que as demais, pois assumiam publicamente sua religião, inclusive freqüentando programas de televisão no qual falavam sobre bruxaria.

Entre as bruxas internautas, os evangélicos são vistos como os grandes vilões no que se refere ao preconceito contra as bruxas. Boatos sobre violência física de evangélicos contra bruxas circulam com alguma regularidade e as próprias bruxas afirmam que eles constituem um perigo real ao seu bem-estar físico. Há uma série de acusações elaboradas para os evangélicos, em especial, e para os cristãos, de um modo geral. Cristãos são vistos como machistas, “presos à razão” na forma da palavra escrita – enquanto as bruxas procuram formas de não-razão, como a sensação e a emoção –, vivendo sob a idéia de temor a Deus e orientados apenas pelo divino, sem comprometimento com o indivíduo. Os evangélicos ainda são vistos como interessados em dinheiro – que, como indicado, é uma acusação que pesa entre as próprias bruxas –, proselitistas, manipuladores, arcaicos, chatos, preconceituosos e “incapazes de acessar o divino”. Formam-se, desse modo, categorias que atacam religiões que as bruxas vêem como oferecendo perigo à sua própria sobrevivência como indivíduos e como comunidade.

Os atributos dos cristãos, sobretudo católicos e evangélicos, são aqueles rejeitados ao comportamento da bruxa e são inversos àqueles atributos definidos como específicos das bruxas wiccanas. O evangélico não é apenas um ator social a ser atacado, é um Outro. Essa categoria simboliza tudo o que uma bruxa não deve ser: ela não deve orientar suas práticas religiosas em função do ganho material, ela não deve ser proselitista, não deve ser machista e preconceituosa, não deve ser manipuladora, deve respeitar o livre-arbítrio e o indivíduo e deve dirigir-se ao divino não apenas pela mente, mas também pela emoção e pelas experiências sensoriais.

Os católicos não sofrem tantas acusações quanto os evangélicos porque são sujeitos vistos como mais próximos ao paganismo. Seriam herdeiros da tradição pagã européia, superposta por uma roupagem religiosa cristã e pelo pensamento judaico-cristão. Dessa forma, datas e locais santos do catolicismo são frequentemente associados a datas festivas e locais de culto pagãos. Há entre as bruxas pesquisadas um percurso religioso que frequentemente começa no catolicismo ou no espiritismo. Há pouquíssimas bruxas provenientes do pentecostalismo. Assim, pode-se sugerir que os evangélicos tornaram-se sujeitos preferenciais das acusações das bruxas não apenas pelo seu comportamento em relação a elas – de acordo com o discurso das próprias bruxas –, mas também por não constituírem um núcleo religioso com o qual elas tenham mantido contato em algum momento de suas trajetórias religiosas pessoais.

De qualquer forma, o rompimento com o cristianismo é um ponto sempre apresentado pelas bruxas internautas. Como pagãs, elas mantêm uma preocupação constante com o legado judaico-cristão e sua influência sobre as práticas da bruxaria. A forma encontrada para romper foi dupla: não apenas elas tornam-se pagãs, isto é, deixam de ser cristãs e abandonam as práticas cristãs, como aproximam o catolicismo do paganismo, como se a prévia experiência como católica não invalidasse a identidade de bruxa, pois o católico está mais próximo do paganismo do que o evangélico. Primeiro, é necessário esclarecer que o paganismo a que a

grande maioria das bruxas se refere é sempre de origem européia, anterior à conversão cristã. Desse modo, o paganismo da Igreja Católica não se reporta a outras culturas. É possível ter acesso a essas outras culturas na prática da wicca. Isto depende apenas da bruxa, mas nota-se uma inclinação maior a mitologias, panteões e tradições européias do que africanas, asiáticas ou ameríndias, por exemplo.

Em segundo lugar, devo dizer que o movimento duplo de ruptura comporta uma conversão e uma afirmação dessa conversão. Quando a bruxa declara que é pagã, ela não é mais cristã, e isto constitui uma conversão. Ela deve, portanto, romper com seus velhos hábitos, abandonando práticas cristãs. Por outro lado, a bruxa que abandona o catolicismo se converte a uma religiosidade que é vista como anterior àquela. Ela passa a ver no catolicismo práticas do paganismo. Assim, ela une novamente o que havia separado, preservando uma continuidade em seu percurso religioso. No caso das bruxas espíritas, o rompimento é ainda menos brusco. Muitas das concepções espíritas mantêm-se especialmente entre as bruxas internautas. A idéia de dom vinculada à de mediunidade (ser médium é um dom que identifica a bruxa), a noção de “pureza doutrinária” (não misturar concepções wiccanas com a religiosidade nativa, muito embora a noção de “pureza doutrinária” seja uma concepção nativa), a preocupação com a reencarnação e o karma são exemplos disto. É no conteúdo cristão que a bruxa espírita efetua o rompimento, não no conteúdo espírita.

Quanto às demais categorias de acusação que as bruxas usam para aqueles que lhes atacam, estão: preconceituosa, ignorante, analfabeta, fanática, louca ou sem cultura. A bruxa que se sente acusada por uma pessoa que não é bruxa reage a essa acusação com uma contra-acusação. Nesse caso, ser preconceituoso, não ter cultura, ser analfabeto ou ignorante formam uma linha única de acusações que remetem à idéia de que aquele que acusa a bruxa – de malefício ou loucura – não sabe o que a bruxaria é na verdade. Falando sobre o que não conhece, ele comete erros. Por outro lado, fanático, “crente” e louco são acusações análogas. O crente é visto como um fanático, e o fanático

é visto como louco, pessoa que não tem razão no que diz, que age sem conhecimento e que é direcionado por uma pensamento único e obsessivo que não aceita nenhuma outra forma de expressão que não seja a própria.

Comunidades virtuais

O acesso à wicca no Brasil e a seus grupos de prática passa frequentemente pela Internet. Como a liderança do grupo mais amplo pode ser disputada por meio da Internet? E por que essa disputa passa também por outros meios de comunicação? Se a identidade de bruxa não é uma que se defina pelos processos tecnológicos, é necessário verificar o porquê disto.

Segundo Lévy (1999, p. 92), a Internet e o ciberespaço, definido por ele como o “espaço aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, foram capazes de gerar comunidades virtuais. Este é o conceito-chave para compreender como as bruxas disputam o domínio de seu grupo pela Internet. Com base na noção de que as listas de discussão formam comunidades, é possível perceber que as idéias veiculadas por meio delas têm um impacto real. As listas e as salas de bate-papo transformaram-se não apenas em instrumentos de disputa de um grupo, como parte da própria comunidade.

A comunidade virtual, no caso das bruxas, é uma comunidade real, que promove encontros face a face e interações de diversos níveis. Ela é uma extensão do mundo concreto vivido por seus atores que, espalhados geograficamente por uma enorme extensão territorial, não seriam, de outro modo, capazes de manter contato. A questão territorial é importante no caso das bruxas: como analisado por meio dos questionários, mais da metade das bruxas reside na região Sudeste, espalhadas por seus quatro estados. Os principais núcleos de bruxaria no país (SP, RJ, MG, DF e PR) estão distantes para que se formasse uma comunidade regional. A Internet tornou-se o único instrumento capaz de aglomerar bruxas de todo o país em relacionamento e comunicação contínuos.

As comunidades virtuais estão apoiadas no sistema de rede em que a Internet opera, bem como na noção de interconexão, que é a idéia

de que qualquer possibilidade de comunicação é sempre preferível ao isolamento. Isto significa que as comunidades são formadas com a idéia de que a comunicação entre pessoas afins é preferível ao não-contato. Nesse sentido, Lévy (1999, p. 127) conceitua tais comunidades como “construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”. De fato, as listas servem para a troca contínua de informações e opiniões, independentemente das filiações, pois há alguns não-bruxos em listas sobre bruxaria. A afinidade de interesse pelo tema, a vontade de trocar conhecimento e de cooperar é o que faz com que as listas tomem a forma de comunidades virtuais. Como comunidades formadas em um meio de comunicação que funciona em termos de interação mediada pode vir a tornar-se fundamental na disputa pela liderança e na sensação de pertencimento a um grupo?

Ainda segundo Lévy (1999, p. 130), “uma comunidade virtual não é irreal, [...] trata-se simplesmente de um coletivo mais ou menos permanente que se organiza por meio do novo correio eletrônico mundial”. A Internet e as listas de discussão são meios de comunicação em que os sujeitos interagem de maneira mediada. Para Thompson (1998, p. 78), “as interações mediadas implicam o uso de um meio técnico (papel, fios elétricos, ondas eletromagnéticas etc.) que possibilita a transmissão de informação e conteúdo simbólico para indivíduos situados remotamente no espaço, no tempo ou em ambos”. Surge a idéia de que a Internet é um veículo de interação dos sujeitos. Essa interação não se limita ao ciberespaço. Para Lévy (1999, p. 128), “é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos. Na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional”. É possível compreender agora por que as listas de discussão frequentemente engendram reuniões e encontros, nos quais seus membros vêm efetivamente a se conhecer. A Internet torna-se um instrumento de interação, mas não seu único palco. Ela funciona para aglomerar as bruxas e fazer com que conheçam outras como elas. É um espaço de sociabilidade que

permite a formação de um grupo – uma comunidade – baseado em noções de pertencimento e alteridade. Isto está indicado nas acusações de não-pertencimento ao grupo anteriormente mencionadas. A Abra-Wicca vem, nesse sentido, servindo como um outro locus de sociabilidade baseada nessas mesmas noções, pois dela apenas fazem parte bruxas wiccanas.

A idéia de disputa de liderança na Internet pode ficar mais explícita se compreendermos que as comunidades virtuais atuam, também, em uma base forte de moral social e freqüentemente apresentam um conjunto de leis não-escritas que regem suas relações (Lévy, 1999). Uma espécie de “etiqueta” é formulada, na qual a moral máxima é a da reciprocidade: o que é aprendido nas trocas e contatos no ciberespaço deve ser repassado. O que decorre desse procedimento é a construção de uma reputação de competência. A participação em uma lista de discussão pode ser importante para a construção de tal reputação entre as bruxas, especialmente quando sua comunidade se encontra mais no plano virtual do que face a face.

Essa disputa está freqüentemente inserida em meios de comunicação que não se limitam à Internet, mas incluem também a televisão, o rádio, jornais, revistas e livros. Partindo da idéia de que “os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem” (Thompson, 1998, p. 19), então eles tornam-se recursos que podem aumentar o poder de determinados indivíduos, uma vez acumulados. Isto quer dizer que o acesso e a freqüência desse acesso à imprensa de um modo geral é significativo de uma determinada posição no escopo de liderança no grupo da bruxaria moderna no Brasil. O maior ou menor acesso a grandes redes de televisão e a seus principais programas, bem como às principais revistas e jornais, é um recurso que a bruxa que disputa a liderança desse grupo tem em mãos para definir a sua posição. Quanto maior o acesso a esses recursos, maior o poder de competição. É por isto que muitas das acusações dizem respeito às aparições públicas e midiáticas. Elas são a

medida dos recursos disponíveis para disputar a liderança de um grupo em expansão.

Entre o tradicional e o moderno

Bruxa é uma categoria que remete a um sujeito tradicional, um operador de magia, sujeito místico – até mesmo religioso. Como esse sujeito tradicional vem aportar nas praias modernas dos computadores e formula, na Internet, uma comunidade de sujeitos iguais a ele? A bruxa de hoje é uma pessoa que está constituindo uma identidade: ser bruxa. Essa identidade não apenas se refere aos atributos tradicionais de mágico, curandeiro, adivinho, mas também a um determinado perfil religioso que indica um processo de afastamento da cultura popular, a uma determinada identidade de gênero – feminino ou masculino –, em alguns casos a uma sexualidade, e a uma determinada opção religiosa. A bruxa de hoje não é um sujeito fora do mundo, ela mantém contato com a realidade vivida, a modernidade. Como sujeito de classe média, com alto grau de escolaridade e amplo acesso à informação, ela lida com o cotidiano da modernidade. Não está auto-exilada em um gueto. A pergunta, então, transforma-se: como a modernidade e a tradição se encontram na bruxaria wicca?

A wicca faz parte da Nova Era, um movimento com faceta religiosa que faz recurso ao tradicional, mas estabelece-se de acordo com padrões modernos. Nesse sentido, tradição e modernidade encontram-se. Na modernidade, os meios de comunicação têm um papel fundamental. A televisão e a imprensa, no caso das bruxas, servem como veículos que alcançam o público além de seu grupo, levando a bruxaria para outras pessoas. Esperam, com isso, ajudar àqueles que não encontram informações sobre a wicca, tanto quanto desmistificar a figura da bruxa, associada à prática do malefício. Além disto, a televisão e a imprensa tornam-se espaços do próprio grupo da wicca no país. Aquela que tem acesso a esses meios vê sua identidade de bruxa legitimada e reforçada, especialmente perante a massa de não-bruxos. Pode, também, aumentar seu escopo de influência sobre o grupo: ganha novos alunos para os cursos, novos leitores para os livros, novos interessados. Em uma

palavra, ganha novos seguidores. Como a liderança da wicca tem sido disputada no Brasil, a mídia tornou-se mais uma ferramenta. A bruxa que não é pública é uma bruxa que não existe.

A Internet tornou-se outro veículo de disputa dessa liderança, quando se apresentou como um meio capaz de formar uma comunidade. Ela permite uma interação com uma resposta clara e um resultado que pode ser quantificado. Também apresenta-se como um meio contínuo de influência sobre o grupo, por parte das lideranças. Na Internet, as bruxas formaram uma comunidade e é só por meio dela que uma comunidade em termos nacionais pode ser pensada. Sem a Internet, as bruxas não estariam se conhecendo e trocando informações com a rapidez que isto ocorre, contribuindo para uma certa homogeneização das práticas e opiniões.

A Internet deve ser vista como um espaço de desenvolvimento da wicca no país. Ela ajudou a formar uma comunidade que vai além do coven e que atinge todas as bruxas que queiram nela se inserir. Ajuda, dessa forma, a definir o próprio grupo. Não apenas a rede virtual, mas toda a gama de meios de comunicação é fundamental na manutenção e reprodução desse grupo no país. Isto leva a uma reflexão sobre o impacto das novas tecnologias na formação de novos grupos e na reprodução e manutenção destes, bem como de grupos já estabelecidos. Não seria inadequado sugerir que, sem esses meios, os wiccanos seriam um grupo ainda menor numericamente, pois muitos dos novos praticantes tomam conhecimento da wicca por meio da rede virtual. Para aqueles aos quais a literatura impressa foi fundamental, a rede virtual fornece um meio de sociabilidade com outros praticantes. De uma forma ou de outra, sem essa nova tecnologia o grupo nacional não existiria.

Considerações finais

Tentei demonstrar, no presente trabalho, como os meios de comunicação, sobretudo a rede virtual, podem ser utilizados por determinados grupos como uma ferramenta fundamental para sua manutenção e reprodução. Para um grupo como o pesquisado, numericamente

pequeno e espalhado pelo país, a Internet é uma ferramenta valiosa, pois se tornou locus de sociabilidade e palco onde se desenrolam disputas por liderança e visões do que seja a bruxaria wicca, bem como por onde se propagam crenças e idéias do grupo. Mais do que um meio de comunicação, a Internet forma comunidades virtuais, que operam segundo uma etiqueta e buscam, no espaço virtual, o mesmo que buscam fora da rede.

Sem a Internet, o grupo de wiccanos brasileiros dificilmente poderia ser compreendido como um grupo nacional, mas talvez apenas como grupos locais, em relativo isolamento. A construção de um espaço nacional permite a comunicação em uma língua franca e dinâmica, que reproduz e constrói crenças e diretrizes, bem como se apropria do ethos virtual da troca de informações como um mecanismo para essa propagação de idéias. Se passar adiante pela rede (net) o que foi aprendido por intermédio dela faz parte da netiqueta, a própria rede torna-se espaço privilegiado para grupos que não poderiam, de outra maneira, manter contatos freqüentes, de forma quase instantânea, como é o caso nos chats. A etiqueta da Internet funciona, assim, como um dos elementos que permite, ou legitima, que ela tenha se tornado espaço da construção e manutenção desse grupo e que seja utilizada como palco onde adversários entram em conflito por questões de liderança, sem esquecer que, por trás dessa liderança, existem concepções distintas do que a wicca é ou deveria ser no Brasil.

Abstract: Far from the original accusations of evil seen in the traditional witchcraft system, big cities witness today the rise of a group of practitioners of magic that call themselves witches. These modern witches, also known as wiccans, form a numerically small group for whom the Internet became a special tool to communicate with each other through the country and abroad, a virtual place where they can exchange information and actually form a community. In the web, there are also disputes for leadership and about what they think wicca should be in Brazil.

Key words: modern witchcraft; Internet.

Referências

- CAIAFA, Janice. Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- COSTA, Maria Regina. Os 'Carecas do Subúrbio': caminhos de um nomadismo moderno. Petrópolis: Vozes, 1993.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FRAZÃO, Márcia. Revelações de uma bruxa. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- _____. Manual mágico do amor. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. Cozinha da bruxa. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- _____. O gozo das feiticeiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- _____. O feitiço da lua. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. O oráculo dos astros. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. A panela de Afrodite. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- GRIMASSI, Raven. Os mistérios wiccanos: antigas origens e ensinamentos. São Paulo: Gaia, 2000.
- HEELAS, Paul. A Nova Era no contexto cultural: pré-moderno, moderno e pós-moderno. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 17/1-2, 1996. p. 15-32.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAGGIE, Yvonne. Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- MALUF, Sônia. Encontros noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- PRIETO, Claudiney. Wicca: ritos e mistérios da bruxaria moderna. São Paulo: Germinal, 1998.
- THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade. Petrópolis: Vozes, 1998.